

A SEXUALIDADE DA PESSOA COM NECESSIDADE ESPECIAL: SENTIDOS E SIGNIFICADOS A PARTIR DO FILME GABY, UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

Vitor Gomes

Universidade Federal do Espírito Santo

vitorgomes76@hotmail.com

Andressa Caetano Mafezoni

Universidade Federal do Espírito Santo

andressamafezoni@yahoo.com.br

Introdução

Falar da sexualidade/sexo,¹ pela via do cinema, sempre envolveu a quebra de certos tabus, cabendo a alguns diretores mais audaciosos desvelá-la de diversas formas e possibilidades, rompendo as barreiras de censura e repressão, que impedia a abordagem desta(LOURO, 2000) de forma clara, objetiva e sem pudor.

Desta forma, a mesma era apresentada ao espectador como num jogo de cabra cega simbólico, no qual, o público mantinha os dedos entreabertos, evidenciando uma vontade de assisti-la e, ao mesmo tempo, auto-repressão sobre a possibilidade disto acontecer de fato.

A este jogo, eram adicionadas peças que instigavam de forma indireta (e insinuante) alimentando cada vez mais o conflito entre o querer (instinto) e a repressão (valores ético-culturais internalizados), tal como cristalizada no filme “O pecado mora ao lado(1955)”, com a cena clássica dirigida por Billy Wilder , na qual, o vento levanta a saia de Marilyn Monroe.

Neste sentido, é necessário destacar alguns destes precursores e seus filmes, dentre eles: Rui Guerra (Os cafajestes de 1962), Bernardo Bertolucci (O ultimo tango em paris de 1973), Tinto Brass e Bob Guccione, (Calígula de 1979), e outros, que se destacaram pelo caráter de enfrentamento de tabus, seja da nudez, seja da sexualidade/sexo, seja de apresentar personagens históricos sem pudor.

Com a audácia destes pioneiros, o sexo/sexualidade passou a ser abordado/a no cinema de uma maneira menos restritiva, sendo com o passar do tempo interiorizado com certa

¹ Neste artigo é utilizado diversas formas para definir o desejo instintivo da sexualidade, sendo utilizados para isto sexualidade, sexo, aflorar sexual. Tais expressões são aqui utilizadas como sinônimo, da mesma forma como assim as compreende Louro(2000, p.3).

naturalidade pelo público em geral. Entretanto, ainda assim, suas tramas envolviam as relações sexuais apenas entre personagens ditos normais.

Desta forma, abordar a PNE em seus desejos e necessidades sexuais/sexualidade se constitui até hoje num terreno selvagem, nos quais, poucos diretores se propõem a pisar, destarte, a co-produção entre países (EUA-MÉXICO) de 1987: *Gaby*, uma história verdadeira dirigida por Luis Madoki, que se atreveu a avançar nesta discussão, apresentando em sua protagonista, a história real de uma mulher com paralisia cerebral, que desvela seu aflorar sexual ou sexualidade e, neste sentido, apresenta a PNE como alguém com desejos sexuais e, não como uma criança que jamais se tornará adulta (AMARAL, 1994).

Assim, *Gaby* nos instiga a refletir acerca da sexualidade da PNE, sobretudo acerca de sua assexualização pelos ditos normais, consistindo numa relação no qual o outro (“normal”) rotula, escolhe e define o que o EU (PNE) deve ser. Trata-se de uma relação de poder, na qual, desconstrói a PNE como sujeito com direito a se expressar e fazer suas próprias escolhas.

Neste sentido, e alimentado pelos dados e discussões do projeto de pesquisa em andamento (2011-2013): “O cinema como possibilidade de potencialização de uma subjetividade inclusiva no professor: um recorte das últimas três décadas”, este trabalho se propõe a apresentar reflexões acerca da sexualidade da PNE, tendo como via alimentadora o filme *Gaby*, uma história verdadeira.

Referencial teórico

O referencial deste trabalho está baseado na perspectiva fenomenológica existencialista de Merleau-Ponty e AmatuZZi, especificamente em duas concepções de seus pensamentos, que compreendem os fenômenos cotidianos com caráter potencializador da subjetividade e sensibilidade do olhar no pesquisador diante a sua realidade observada, revelando-o como um sujeito imerso diante aos estímulos e processos de sua pesquisa.

Tratam-se dos conceitos de sujeito carnal e de sentido/sentido. Quanto ao primeiro se refere a concepção, na qual o pesquisador, constitui-se como parte de seu próprio estudo e, desta forma, como um sujeito carnal (MERLEAU-PONTY, 1994) imerso nele e, desta forma imbricado na realidade que observa. Em relação ao segundo, se trata do sentido particular de interpretação do pesquisador em relação aos seus dados, constituindo-se assim em seu

sentido/sentido (AMATUZZI, 1996).

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, na qual, o percurso se constitui a partir de um fenômeno em questão que instiga a investigação dos pesquisadores, tentando entrelaçar os conteúdos expressos num filme com a sexualidade da PNE. Para isto usa o recurso da interpretação, a partir da percepção dos pesquisadores, tendo como força motriz um desejo de elucidação do vivido e, por meio de tais características, delineando-se como uma pesquisa fenomenológica eidética (AMATUZZI, 1996).

A característica principal das pesquisas fenomenológicas é uma busca de ir as coisas mesmas (BICUDO, 2000), procurando identificá-las da forma como elas se apresentam, transcendendo seus contornos num movimento de compreensão de suas essências (MOREIRA, 2002), (FRANÇA, 1989), não num sentido de imobilidade, mas de como elas se apresentam naquele espaço-tempo.

As pesquisas fenomenológicas baseiam-se em momentos de distanciamento existencial e de aproximação e/ou mergulho reflexivo (FORGUIERI, 1993) diante seus dados. Em quais, alguns teóricos, tais como Bicudo (2000), Moreira (2002), França (1989), Gomes (2010), entre outros, didaticamente a definem como dividida em três momentos que envolvem um afastamento diante ao fenômeno (époque), a colocação deste em suspensão separando-o de suas influências externas e, sua análise a partir das vivências e imbricações dos pesquisadores em confronto com as concepções teóricas da literatura.

Ainda em relação aos momentos constituintes de uma pesquisa fenomenológica e, contextualizando-os com este trabalho em questão, foram evidenciados a partir de uma tentativa de distanciamento do fenômeno, na medida em que na fruição do filme os pesquisadores conheciam superficialmente a sua história, sendo só a partir/após tal vivência, o destaque da questão da sexualidade da personagem protagonista (fenômeno em suspensão/objeto de pesquisa), interpretá-lo num movimento intrínseco entre a percepção e conhecimento teórico do tema pelos pesquisadores.

A história de Gaby

O filme Gaby, uma história verdadeira, apresenta a biografia de Gabriella Brimmer, uma mulher com paralisia cerebral, que num primeiro momento de sua vida é tratada como incapaz, sendo a partir da entrada Florência em sua vida (uma empregada da família),

estimulada em termos interacionais e, desta forma, ensinada a se comunicar com o pé esquerdo utilizando uma tábua com as letras do alfabeto.

Com o passar do tempo, e o seu desenvolvimento motor e cognitivo, Gaby começa a frequentar uma instituição especializada, prestando posteriormente um exame para se transferir para uma escola regular, na qual, é aprovada e, desta forma gradualmente vai galgando passo a passo um crescimento pessoal em sua vida.

Dentro das vivências na escola regular, torna-se necessário evidenciar que Gaby é vista pelo pelos amigos de escola como incapaz, não somente fisicamente, mas muitas vezes intelectualmente, entretanto a medida em que mostra capacidade intelectual estes tendiam a se aproximar.

Antes de sua entrada na escola regular, e ainda em sua estadia numa instituição especial, a protagonista, conhece Fernando, com que descobre sua sexualidade, bem como, as frustrações e desejos de um relacionamento amoroso.

A segunda expressão de sua sexualidade ocorre na escola regular, quando conhece Luiz, um rapaz que começa a admirá-la intelectualmente, mas a medida em que ela declara seu desejo sexual por ele, a questão do corpo incapaz vem à tona, impedindo a possibilidade de uma relação sexual madura.

Neste sentido, o filme apresenta dois aspectos interessantes: o primeiro deles se trata em relação ao protagonismo da PNE, que apesar de suas limitações físicas e, neste sentido, apresentando uma heteronomia, em termos mentais, busca uma necessidade de emancipação, desvelando assim, um paradoxo relativizador do conceito de autonomia.

Quanto ao segundo aspecto se refere ao desvelamento das necessidades sexuais/sexualidade da personagem, sendo apresentada numa linguagem realista, na qual, é rejeitada ou aceita em certos momentos, tal como no movimento constante da vida, quebrando o paradigma da PNE como eterna infante, assexuada e, por isto destituída de desejos. Assim, o filme evidencia uma visão inovadora do diretor e apresenta um convite a reflexão sobre autonomia, preconceito, discriminação, resiliência e sexualidade da PNE, aspecto norteador e instigador deste trabalho.

A sexualidade da Pessoa com Necessidade Especial a partir de Gaby

A sexualidade da PNE ainda é um tema pouco explorado, sendo certos comportamentos e/ou movimentos desta serem incorretamente interpretados. Um exemplo disto é o caso das pessoas com Paralisia Cerebral que pelo fato de apresentarem movimentos espásticos, são confundidas como tendo um déficit cognitivo e, portanto, vistas como sem desejos e assexuadas.

A história de Gaby é um convite à reflexão acerca da discussão sobre a sexualidade da PNE e o tabu que ela representa. De acordo com Glat & Freitas (1996), em um dos primeiros livros publicados no Brasil sobre o tema, pais e professores reconhecem a curiosidade e os impulsos sexuais de seus filhos e alunos deficientes, porém sua preocupação maior é em encontrar meios para canalizar essa sexualidade.

Nesse sentido, é importante destacar que de acordo com Glat & Freitas (1996) existe o mito de que a sexualidade da PNE é por natureza intrinsecamente problemática e, além disso, também é considerada como patológica.

Assim, na medida em que é negada a sexualidade desses indivíduos, também é defeso a sua expressão de sentimentos e desejos, sendo vistos a partir de um referencial de normalidade/anormalidade a partir dos “ditos normais”. No caso da pessoa com paralisia cerebral, como o corpo não corresponde, na maioria das vezes, a um padrão de estética, não corresponde também aos padrões reconhecidos como normais pelo grupo social no qual pertence.

Portanto, a partir do paradigma interiorizado pelos pais de Gaby, sua deficiência, era uma justificativa para sua privação, sendo uma escolha dos pais a sua manutenção numa redoma de “vidro”, na qual, toda vivência era mediada.

Para Maia(2001, p.36):

As limitações e as dificuldades sexuais que a pessoa deficiente apresenta são, em parte, impostas pela deficiência. No entanto, seja a deficiência mental, física ou sensorial (auditiva e visual), estas dificuldades tornam-se problemas quando, através das relações sociais, atribui-se a elas representações inadequadas ou preconceituosas.

Assim, não se trata de uma negação das dificuldades da PNE, mas de como elas são compreendidas pelas pessoas ditas normais, ou seja, como obstáculo a vivência e experimentação em todos os níveis, e no caso específico da sexualidade.

Desta forma, trata-se da negação do outro, em qual este não tem direito a viver seus instintos naturais. Neste sentido, desvela-se uma relação de poder na qual um grupo

hegemônico(ELIAS & SCOTSON, 2000). dita as regras de como, quem e, de que forma, deve ser expresso o desejo sexual.

Entretanto, apesar desta relação de sufocação do outro, existe também um outro fator, que funciona como resistência e, contra influência no indivíduo. Trata-se do seu processo de autoimagem e autoconceito, sobre o qual, apesar das influências externas, prevalece os fatores internos e psicológicos de internalização do vivido e, neste sentido de sua capacidade de resiliência (GOMES, 2010) e apropriação da realidade.

Neste sentido, o conceito ou juízo que a pessoa estabelece de si própria é fundamental para a criação de sua autoimagem (MOYSÉS, 2002) e, desta forma, produzindo um corpo que para si pode se desvelar como objeto de desejo pelo outro. Este é o momento que se evidencia os impactos (ou não) das influências sociais dentro de sua (auto)concepção e identificação.

Desta forma, muitas vezes a sociedade enxerga a PNE tal como uma criança e, neste sentido, contribui para a produção de sua imagem como assexuada e híbrida, e desta forma, negada em seus desejos e necessidades. Trata-se de uma guerra simbólica e interna cujos vencedores são incertos. De um lado está o desejo, o biológico, o instinto natural, e do outro as convenções sociais, expressas pelos conceitos e valores dos grupos hegemônicos.

Potencializando a autonomia: superando visões infantilizadas

Dentro desta relação de poder em que destaca a PNE como uma eterna criança, certos estigmas e veredictos são impostos, nos quais, a legitima num permanente estado de heteronomia em relação a pessoa dita normal. Trata-se do paradigma da dependência, que estabelece vínculos que retroalimentam comportamentos infantis e infantilizados. Assim, o outro alimenta na PNE o que quer dela, impondo seus desejos e necessidades e, neste sentido, mantendo-a sobre o seu controle e cuidados.

Sobretudo nas relações de pais e mães com filhos com necessidades especiais, estas ações são claras, em que estes, apesar de adultos são presenteados com brinquedos e tratados de forma heterônoma, o que denota uma correlação imersa numa perspectiva de domesticação e de sufocamento do desejo do outro, ainda que de forma inconsciente. É dentro desta dinâmica que se estabelece as ações de abafamento dos desejos sexuais da PNE. Afinal, dentro desta lógica dos pais, criança não tem direito a ter e, muito menos, exercer tais instintos.

Conforme expresso na pesquisa de Amaral (1994, p.78):

Os pais, por seu lado, representam a sexualidade como “angelical” e a estrutura infantil aparece como preponderante. Ou seja, os filhos são “anjos”, “ingênuos”, em si mesmos assexuados, mas profundamente afetivos e, portanto, passíveis de serem pervertidos pela “selvageria” dos não deficientes. Esses pais chegam mesmo (na pesquisa aqui relatada) a responsabilizar a instituição pelo “despertar” da sexualidade dos filhos. A vigilância faz-se necessária e é “legítima”.

Assim, o sufocamento da sexualidade da PNE pelos pais tem o caráter de “domesticação” do outro, em qual, compreende esta como seu “bichinho de estimação”, sua criança, seu brinquedo, cuja função é a satisfação de suas necessidades de cuidado, mas não do cuidado cuidador, daquele que significa estar ao lado, fortificando e apoiando ao outro, mas o cuidado sufocador, que legitima e cristaliza a relação de poder na qual a PNE é anulada como pessoa para se constituir como ser para o outro.

Ainda na citação anterior, podemos destacar que neste processo de angelização da PNE o mal sempre é o outro. E se porventura se desvela a manifestação do instinto, de necessidades fundamentais do indivíduo, como o caso do desejo sexual, este possui para os pais e mães um caráter de quebra da ingenuidade, na qual, a culpa é relacionada aos indivíduos que se relacionam com estes(os outros).

Desta forma, é necessária a transcendência de concepções que sufocam a autonomia, para que possamos compreender a PNE, para além do fragmento da necessidade especial (LUNARDI, 2004), entendendo-a como pessoa, e para que isto seja possível, é necessário ir além de visões infantilizadas e, produtoras de dependência, para uma “evolução” de consciência de forma a compreendermos este tipo de ações, como de fundo escravocrata.

Destaca Franca Ribeiro (2001, p.14):

[...] a sexualidade não se restringe à atividade genital, podendo ser considerada como a mais íntima forma de manifestação de vida; é o desejo de amar e ser amado. Qual de nós portadores de deficiências ou não poderíamos viver plenamente sem esta possibilidade?

Assim, é necessário entender que ser pessoa significa possuir desejos e inquietações, e que sendo assim, reprimir necessidades biológicas e, que por isto, são elementares ao indivíduo, é

não compreendê-lo de tal forma (como ser), abafando assim, a manifestação do que é vida nele.

E assim, uma questão se faz pertinente: Que papel uma educação com a perspectiva inclusiva pode exercer para transcendência destas concepções sufocadoras?

Conforme Oliveira e Rodrigues (2011, p.3):

[...] a educação para ser inclusiva precisa levar em conta os desejos dos alunos, suas potencialidades e capacidades e não somente seus rótulos e dificuldades. Não é um processo de negar a 'deficiência', mas de saber que há um ser humano para além da deficiência, que não está "engessado" por ela, ou seja, é ver além das aparências, prever que diferenças exigem diferentes intervenções pedagógicas e diferentes olhares, contudo, sem diminuir o que se pode ensinar, subestimando o aluno e suas reais possibilidades.

Desta forma, é necessário compreender a educação em seus diversos níveis e possibilidades, e neste sentido, como um processo que deve ter como objetivo proporcionar e potencializar a autonomia do (e no) outro, tenha ele ou não necessidades especiais. Educar deve ter como premissa fundamental instigar o desejo pela liberdade e potencialização da autonomia em cada indivíduo.

O exemplo de Gabriela Brimmer evidencia a luta de uma PNE por sua autonomia, bem como, o desvelamento de uma mulher que transcende as suas adversidades e se desvela como resiliente (GOMES, 2010).

Assim, é possível enxergar na história do filme uma perspectiva subjetivamente inclusiva (GOMES, TEIXEIRA & FERNANDES, 2010), na qual, evidencia a PNE num processo de encontro a pessoa, antes de suas necessidades especiais, demonstrando uma perspectiva honesta de reflexão para uma educação que almeja ser inclusiva e includente.

Considerações Finais

A partir das reflexões contidas neste trabalho, é necessário elencar, que em tempos nos quais se evidencia a inclusão como processo político e pedagógico de inserção da Pessoa com Necessidades Educacionais Especiais dentro da escola regular, é necessário ampliá-lo a partir da sua dimensão particular, que significa a aceitação incondicional do outro (GOMES & PINEL, 2005).

Desta forma, o olhar inclusivo deve preceder as ações de inclusão, pois ele, favorece a contemplação do outro de forma empática e potencializadora da experiência de sentido compartilhada, instigada no processo de convivência mútua (GOMES, TEIXEIRA & FERNANDES, 2010) e de sua compreensão como aprendizado e parte da vida e, neste sentido também vida (GOMES & MAFEZONI, 2012).

Assim, para a cristalização de práticas inclusivas, é necessária a interiorização da vivência da diferença como necessária e enriquecedora de sentidos para o indivíduo, bem como, de uma compreensão da pessoa com/sem necessidades especiais como sujeito real, e não idealizado, e, desta forma, não anjo ou ainda, sujeito asséptico, mas sim, humano, carregado de todos os desejos e necessidades particulares a sua existência.

A partir da história de Gaby, podemos visualizar este processo de apresentação da PNE, como sujeito carnal (MERLEAU-PONTY, 1994), que desvela seu desejo sexual e sua afetividade, vivenciando a rejeição e aceitação de si, como num movimento contínuo e incerto... de incertezas. Movimento que constitui e fundamenta as engrenagens que auxiliam os giros da roda da vida, que ao mesmo tempo é particular, mas também coletiva, sendo mediada pelas relações humanas atravessadoras das vivências.

Referências

AMARAL, Lígia Assumpção. Adolescência/deficiência: uma sexualidade adjetivada. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, ago. 1994. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X1994000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 jul. 2012.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica**. Campinas: Estudos de psicologia, 13(1), 5-10, 1996.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira, 1993.

FRANCA RIBEIRO, Hugues Costa de. Sexualidade e os portadores de deficiência mental. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 07, n. 02, 2001. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382001000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 jul. 2012.

FRANÇA, Carlos. **Psicologia fenomenológica: uma das maneiras de se fazer**. Campinas,

SP: Unicamp, 1989.

GABY, UMA HISTÓRIA VERDADEIRA. Produção de Luis Mandoki. México/Eua: Lk Tel Vídeo, 1987. 1 Videocassete (110 min), VHS, NTSC, son, Legendado, colorido, Português.

GLAT, Rosana. A Sexualidade da pessoa com deficiência mental. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 01, n. 01, 1992. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365381992000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 jul. 2012.

GLAT, Rosana. FREITAS, Rute Cândida de. **Sexualidade e deficiência mental: refletindo sobre o tema**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 1996.

GOMES, Vitor; MAFEZONI Andressa Caetano. **Educação e Inclusão**. Vitória-ES: Ufes, Núcleo de educação aberta e a distância, 2012.

GOMES, Vitor. **Jovens depois da chuva: um estudo fenomenológico sobre a resiliência**. São Paulo: Clube de autores, 2010.

GOMES, Vitor; TEIXEIRA, Giovany Frossard; FERNANDES, Jocimar. **Gestão de Ead: vivências e possibilidades a partir de um curso de licenciatura em informática**. São Paulo, Clube de autores, 2010.

GOMES, Vitor; PINEL, Hiran. **Subjetividade inclusiva: a busca de um conceito partir de pressupostos fenomenológicos**. Anais do II Congresso Brasileiro de Educação Especial/ II Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Construindo o conhecimento. São Carlos-SP: EDUFSCAR, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e o Tempo**(Parte I). Petrópolis: Vozes, 1995.

LOURO, Guacira Lopes(org). O corpo educado: **Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUNARDI, Márcia Lise. **Pedagogia da diversidade: normalizar o outro e pedagogizar o estranho**. Caxambu: Anped, 2004 Disponível em:<<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt15/t157.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2012

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 07, n. 01, 2001. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382001000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 03 jul. 2012.

MERLEAU-PONTY, Marcel. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOYSÉS, Lucia L. **A auto-estima se constrói passo a passo**. São Paulo: Papirus, 2002.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomsom, 2002.

OLIVEIRA, Marinalva Silva; RODRIGUES, Lidiane Furtado Ferreira. A Inclusão no Ensino Superior: uma experiência em debate! **Rev. Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, n.07, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/viewArticle/406>>. Acesso em 06 jul. 2012.

SARTRE, Jean Paul. **Entre quatro paredes**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.